



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma dramaturgia irônica e de denúncia

A obra ficcional do escritor português José Luís Peixoto é hoje das mais difundidas em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde tem edições específicas, devido às discordâncias em torno do acordo ortográfico, que Portugal jamais aceitou. Boa parte desta obra é publicada aqui pela Cia. das Letras, mas a editora porto-alegrense Dublense tem dado uma significativa contribuição para a difusão de sua obra no País.

A literatura de Peixoto é variada, quanto aos gêneros, que os têm desenvolvido todos. O principal é, claro, o romance. Mas ele escreve contos, crônicas, poesia, obras de viagem - inclusive sobre a Coreia do Norte, verdadeira façanha - e, enfim, de dramaturgia.

Visitando a cidade de Galveias, onde ele nasceu (1974), aproveitei, há algumas semanas, para conhecer o que os portugueses chamam de Centro de Interpretação José Luís Peixoto, inaugurado em 2024, com a presença do próprio escritor homenageado. O prédio é uma construção do final do século XVII e começo do século XVIII, residência dos Condes de Galveias, até 1934, quando é adquirido pela família Marques Ratão. Com o falecimento deste, houve doação do prédio à Freguesia de Galveias, que hoje o administra.

O roteiro de visitas está organizado basicamente a partir do romance *Galveias*, que, como boa parte da obra de Peixoto, é simultaneamente, ficção e autobiografia. Assim, nas várias salas, vamos conhecendo a infância e juventude do escritor, seus primeiros manuscritos, suas premiações, e por aí fora. A visita é complementada por uma bem fornida lojinha com as obras de Peixoto, dentre as quais descobri dois volumes dedicados ao teatro, um deles, *Estrangeiras* (2016), que eu já adquirira em alguma visita anterior a Portugal, a que somei *Vida inversa* (2022), seu texto mais novo, que eu desconhecia.

A dramaturgia de José Luís Peixoto não é extensa, mas é um caso a ser estu-

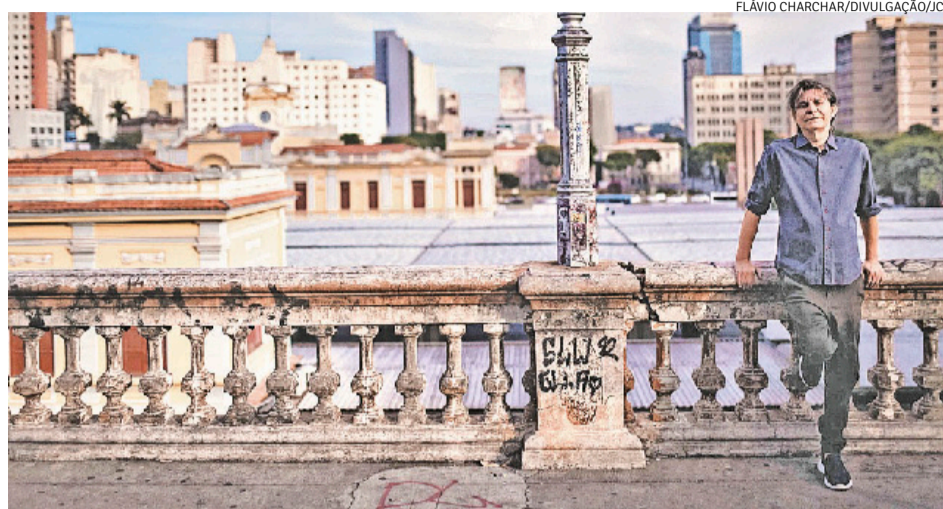
dados. Ela é um campo de exploração estética e uma alternativa para refletir sobre os contextos contemporâneos. *Estrangeiras*, de 2016 (editora Rosa de Porcelana), coloca em cena três mulheres: uma brasileira (do Piauí), uma caboverdiana e uma portuguesa. As três estão tentando emigrar para os EUA, mas foram barradas na entrada do país e se encontram, isoladas, em uma sala, sem quaisquer explicações. Elas não se conhecem, tentam se aproximar, mas cada uma tem seus próprios preconceitos e estereótipos a respeito da outra. O grande debate aqui - e que é, infelizmente, de extrema atualidade - é a falsidade do conceito de 'lusofonia' pelo qual inúmeros intelectuais brasileiros, africanos e portugueses lutam, sem grandes resultados. Se considerarmos as legislações mais

O grande debate aqui é a falsidade do conceito de 'lusofonia', pelo qual inúmeros intelectuais lutam, sem grandes resultados

recentes da República Portuguesa, deste ano de 2026, a peça ganha uma significação enorme, a justificar que a peça fosse montada nos diferentes países da chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), cuja discriminação, no aeroporto de Lisboa, por exemplo, já

começa na maneira pela qual os passaportes destes cidadãos valem menos do que o da Comunidade Europeia.

A peça de Peixoto, contudo, mostra que existem incompreensões e arquétipos também entre os integrantes desta comunidade: com ironia, começa com a absoluta ignorância das personagens entre si sobre as geografias de origem de cada uma. Continua com o modo, por exemplo, com que cada uma reage à maneira como foram recebidas no aeroporto, pela aduana norte-americana. A situação, escolhida por Peixoto, relembra em parte aquela de *Entre quatro paredes*, de Sartre, mas sob outro enfoque. Aqui não se trata de filosofia, mas de política. As três são estrangeiras, não apenas para o país em que chegaram, quanto para elas mesmas, pois têm enorme dificuldade de se compreenderem e de evidenciarem empatias entre si, por maiores proximidades que apresentem.



FLÁVIO CHARCHAR/DIVULGAÇÃO/JC

Descrito pelo irmão Márcio como "um compositor metódico", Lô deixou músicas para mais discos

A Estrada, disco póstumo de Lô Borges, celebra parceria com irmão

No dia 2 de novembro de 2025, a morte de Lô Borges, aos 73 anos, impediu a realização de uma festa planejada para 31 de janeiro. Na data em que seu irmão Márcio Borges completou 80 anos, os dois iriam comemorar uma parceria de mais de uma centena de canções, escritas desde a formação do Clube da Esquina, um movimento de jovens músicos mineiros talentosos liderados por Milton Nascimento, o Bituca.

No centro das comemorações estaria o álbum *A Estrada*, com dez faixas criadas pelos irmãos, exceto a canção que fecha o disco, *Chegada*, escrita apenas por Lô. "Sempre ele compôs a música primeiro e eu fiz a letra depois", recorda Márcio. "Na nossa parceria, escrevi sempre dentro de uma métrica que me aprisionava, mas que também me dava asas para voar."

A Estrada é o oitavo álbum de canções inéditas de Lô Borges nos últimos oito anos, uma sequência incomum de jorro criativo iniciada em 2019, com *Rio da Lua*. Esse ritmo de produção surpreendeu muitas pessoas, mas seu irmão não está entre elas.

"Eu conhecia o Lô como um compositor metódico. Um pouco compulsivo, mas era mais método mesmo. Toda manhã ele ia para o piano, ficava ali até meio-dia, uma da tarde. Descansava após o almoço, e então ia para o estúdio gravar o que tinha criado mais cedo. Era uma rotina". Material inédito deixado por Lô pode permitir o lançamento de ao menos mais dois trabalhos.

"Eu moro na roça, sou oito anos mais velho, então fico mais retirado. Mas acompanhei essa série de discos. A produtividade não me surpreendia. Ele era um Peter Pan, sempre jovem. Minha surpresa foi vê-lo, em plena saúde, ir embora por um acidente lamentável". Lô morreu devido a uma intoxicação por medicamentos.

A Estrada é um álbum conceitual, com todas as faixas falando sobre a vida na estrada, em eterno movimento. É um disco de rock, com Lô tocando o violão em batidas fortes. "Eu que propus esse conceito

ao Lô. Ele me mostrou umas músicas que estava fazendo e me lembrou muito Crosby, Stills, Nash and Young, aquela levada de rock mais acústico, com violão." A dupla começou a escrever as canções em 2023, após a pandemia, e gravou todas as músicas, mas Lô estava com dois discos prontos.

Numa época em que músicos e cantores lançam cada vez mais canções avulsas nas plataformas, a devoção de Lô Borges ao formato de álbum é ainda mais peculiar. "Lô sabia muito bem que a nossa história estava meio fora de moda. A gente aprendeu escutando Yes, Pink Floyd, Jethro Tull... O próprio *Clube da Esquina* é um álbum conceitual, que saiu principalmente da cabeça do Bituca e do Ronaldo Bastos. Nós sempre fomos os caras dos álbuns."

Outro sócio do clube, o guitarrista Tavinho Moura, toca em *A Estrada*, na faixa *Chegada*. Márcio ressalta que a amizade sempre foi uma prioridade entre os artistas do Clube. "Uma grande parte dessas músicas nós fizemos frente a frente. Com o Lô, o Milton ou qual fosse o parceiro, era um na frente do outro. Com o violão e, como dizia o Bituca, com caderno e lápis. A música *A Tarde*, por exemplo, minha e do Bituca, a gente criou num programa de auditório. Éramos iniciantes. Um tema foi sorteado e a gente teve que fazer a música na hora."

Os irmãos Borges conversavam muito sobre as músicas. Márcio tem uma lembrança curiosa da canção *Para Lennon e McCartney*, que é uma declaração de amor aos Beatles. Durante um festival estudantil de música em Belo Horizonte, em 1967, houve uma festa. Lô estava ao piano, ao lado de Márcio, e começou a tocar a música.

"A gente está aqui, um bando de estudantes fazendo música, e os caras estão lá em Liverpool e nunca vão saber da nossa existência", disparou Lô. E hoje Márcio acha graça. "Isso acabou acontecendo. Temos as fotos do Bituca e do Lô ao lado do Paul! Mas isso era impensável quando fizemos *Para Lennon e McCartney*."